

A Máquina do Mundo

com Maria Filomena Molder

Jorge Molder. Fotografia da série História Trágico-Mantífrica, 1992



Agradecimentos:

Eduardo Jorge, Francisco dos Santos

31 de janeiro

“ao bravo gama a máquina oferta/
do mundo”*

7 de fevereiro

“drummond minas pesando não cedeu”*

14 de fevereiro

“dante com trinta e cinco eu com
setenta—”*

21 de fevereiro

“Agora, nós”

* Versos de *A Máquina do Mundo Repensada* de Haroldo de Campos, 2000.

Foi Camões a inventar em *Os Lusíadas* a expressão “máquina do mundo”. Ela apresenta-se através do relato profético – *cosmorama* e *geodese*, feitos e desastres dos portugueses, o desconhecido que espera os descobridores – de uma deusa ao jovem capitão Vasco da Gama. Quatro séculos mais tarde, Carlos Drummond de Andrade escreveu um poema em tercinas intitulado

precisamente *A Máquina do Mundo*. Aqui, não há mediações, a máquina entreabre-se numa *estrada de minas, pedregosa*, ao olhar desalentado do poeta, que a vê fechar-se para não mais. Já no século XXI, Haroldo de Campos compõe também em tercinas, mas rimadas à maneira de Dante, o poema *A Máquina do Mundo Repensada*, no qual se exercita uma rememoração de Camões, Drummond de Andrade, sob a égide da viagem da *Divina Comedia*. Regressamos à mediação e ao maravilhamento saturnino. A leitura dos versos dos quatro poetas tem em vista desenhar um inquérito sobre o que seja a máquina do mundo: talvez um nome para o segredo da vida.

Pediremos ajuda a outros poetas e também àquilo que alguns filósofos contam (seguindo o preceito de Montaigne: “je n’enseigne pas, je raconte”), e ainda às coisas ouvidas, vistas e lembradas que vêm ter connosco no dia a dia, confiando no acaso sem o qual (de novo Montaigne) nada de nobre se pode fazer. O momento é de perigo – caminhamos na *selva oscura* de Dante – e talvez seja a hora de um balanço.

“Agora, nós”

*os grandes animais selvagens extinguem-se
na terra, / os grandes poemas desaparecem
nas grandes línguas que desaparecem, /
homens e mulheres perdem a aura /
na usura, / na política, / no comércio, /
na indústria, / dedos conexos, há dedos que
se inspiram nos objectos, à espera, /
trémulos objectos entrando e saindo /
dos dez tão poucos dedos para tantos /
objectos do mundo*

Herberto Helder, *A faca não corta o fogo*

*A Terra está morta, quem quer
agradecer-lhe?*

Hölderlin, *Os poetas hipócritas /
Die Scheinheiligen Dichter*
(trad. Paulo Quintela)

*Porque, enfim, eu morrendo dou-me aos
bosques, / A tal selva de Dante é a dor da
espécie, / E o mezzo del camin aqui passar.*
Vitorino Nemésio, *Tabo de Ensaio*

*Temo que os animais considerem o homem
como um ser da sua espécie que perdeu
o senso comum animal de forma extre-
mamente perigosa, como o animal aluci-
nado, o animal que ri, o animal que chora,
o animal desditoso.*

Nietzsche, *A Gaia Ciência*, §224
(trad. M^a Helena Rodrigues de
Carvalho, M^a Leopoldina de Almeida,
M^a Encarnação Casquinho)

Os versos de Herberto, de Hölderlin e de Nemésio, e as considerações de Nietzsche anunciam e penetram em tudo o que vier a ser dito em “Agora, nós”, hoje. De Luís de Camões retorna a “estranha condição” que é a nossa, de Drummond vem ter connosco o tucano de asas cortadas, o riso corrompido pela poluição, de Haroldo a desconcertante verificação de que *quem à mundana máquina se ligue / já não há*. E ainda se acrescenta tudo o que veio e virá à rede deste meiar. Um verso de *Ain’t talking* de Bob Dylan e a imagem dos *Dois macacos acorrentados* de Pieter Bruegel (1562) acompanhar-nos-ão todo o tempo.

Maria Filomena Molder escreve de acordo com a antiga ortografia.

CONFERÊNCIAS TERÇAS-FEIRAS DE 31 JANEIRO A 21 FEVEREIRO 2017 · 18H30 · GRANDE AUDITÓRIO